

**A (DES)ORDEM MATRIMONIAL NAS TERRAS DA RAINHA:
NOTAS SOBRE O ACONTECIMENTO DISCURSIVO E A MEMÓRIA
NO CASAMENTO ENTRE O PRÍNCIPE HARRY E A PRINCESA MEGHAN**

*Wilder Kléber Fernandes de Santana**

*Anísio Batista Pereira***

*Lucas Rodrigues Lopes****

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo refletir sobre discursos circulados nas principais mídias mundiais, a respeito do casamento entre o príncipe Harry e a princesa Meghan, que ocorreu no dia dezoito de maio de 2018. Como recorte para análise, foram selecionados dois enunciados publicados no *site O Globo*, que tratam do referido evento, a fim de problematizar, no bojo da Análise do Discurso francesa, tais discursos. Pensando nessa vertente discursiva, como suporte teórico-metodológico, foram acionados conceitos vinculados à linha teórica supracitada, considerando principalmente enunciado e acontecimento discursivo formulados por Michel Foucault e de memória discursiva que se apresenta em Jean-Jacques Courtine, além de outras abordagens ligadas às mencionadas, para a leitura do *corpus*. Pelas análises, considerando a teoria dada, verificamos que os discursos materializados nos enunciados se configuram como acontecimento, dada a sua não repetibilidade, pelas suas condições próprias de possibilidade que os tornam singulares e cuja memória se apresenta como um efeito, pelo encontro entre o passado e a atualidade e, também, pela quebra de protocolo da realeza britânica, que o diferencia de outras cerimônias matrimoniais.

PALAVRAS-CHAVE: Acontecimento; Discurso; Enunciado; Memória.

* Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Membro-Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação (GEPLEI/UFPB/CNPq).

** Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Membro-Pesquisador do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF/UFU/CNPq).

*** Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Membro-Pesquisador do Grupo de Pesquisa Da torre de marfim à torre de Babel e vozes infames: exclusão e resistência (UNICAMP/CNPq)

Introdução

Este trabalho se propõe a delimitar como objeto de estudo o casamento real britânico entre o príncipe Harry e a princesa Meghan, uma celebração contemporânea inglesa que circunlocu amplamente na rede eletrônica e reverberou discursivamente nos principais espaços midiáticos do mundo (El País, O Globo, Veja, Huffpost, dentre outros), o que fez dele um acontecimento, que se constrói na recuperação de uma rede de memória. Ao trabalharmos com a linguagem, tendo como aporte teórico-metodológico a Análise do discurso, faz-se imprescindível analisar os sentidos que perpassam esse acontecimento discursivo, de forma seletiva, colocando-o em articulação com a história e a memória.

O acontecimento discursivo, sob a ótica de Michel Foucault (2008a), sugere ruptura e/ou regularidade histórica. Ao averiguá-lo genealógicamente, faz-se necessário considerar, tanto as condições de emergência que determinam a materialidade própria de um enunciado, quanto sua singularidade, ou seja, a memória presente no enunciado.

Dadas as condições específicas da materialidade de um enunciado no qual se articulam materializações discursivas verbais e não verbais, é possível pensar, por um lado, na sua atualidade e na repetibilidade de seus elementos; por outro lado, na especificidade daquele enunciado-acontecimento, questionando os mecanismos discursivos que embasam a produção de sentidos. Desse modo, o que importa são as relações interdiscursivas que “determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais ou quais objetos, para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los etc.” (FOUCAULT, 2008a, p.51).

Nessas circunstâncias, prestamos relevo aos não-ditos que se fazem presentes no discurso, no interior de um espaço de coexistências entre relações interdiscursivas e os sentidos, os quais asseguram a emergência do enunciado. Consideramos, com base em Foucault, que este foi efetivamente formulado, e apesar de se constituir na repetição, também recupera uma memória discursiva. Em outras palavras, quanto ao enunciado, é preciso abordá-lo em sua irrupção e realizar um ato interpretativo, “não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem” (FOUCAULT, 2008a, p. 32).

Na medida em que Foucault realiza uma desconstrução da história tradicional (FOUCAULT, 2000), instituindo a importância da nova história, afirma que a lógica contínua e evolutiva não provoca emergência de saberes. Antes, esses últimos se materializam na descontinuidade, pois “A noção de discurso como acontecimento discursivo deve ser compreendido no horizonte dessa história descontínua e serialista...” (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 108). Para Luhmann (2007, p. 456), o próprio sentido da história “se constrói e se reconstrói no presente e no contexto sistêmico-comunicativo do observador.” Nesse sentido,

Certamente a história há muito tempo não procura mais compreender os acontecimentos por um jogo de causas e efeitos na unidade informe de um grande devir, vagamente homogêneo ou rigidamente hierarquizado; mas não é para reencontrar estruturas anteriores, estranhas, hostis ao acontecimento. É para estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o “lugar” do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição. (FOUCAULT, 2012, p. 53)

Mas, para Foucault (2008a), o que se compreende por acontecimento, uma vez que os discursos devem ser analisados sob o olhar da nova história? É em *A ordem do discurso* que encontramos resposta para essa interpelação, quando Foucault nega que o acontecimento seja uma coisa, ou um objeto consistente, nem mesmo uma substância ou processo. Também não consiste na ordem dos corpos, e nem apresenta uma unidade material, pois nele se produz uma dispersão material. “Ele é feito de cesuras que dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções; é um corte ou recorte que se realiza livremente na realidade de um acúmulo ou uma seleção de elementos.” (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 109). Também há que se esclarecer o que se compreende por enunciado e memória.

É interessante demarcar que não utilizamos o termo enunciado enquanto oposições entre unidades – frases, proposição, atos de linguagem – no escopo dos estudos linguísticos estruturais. Ao transcender esse conceito formal, utilizamos o conceito de enunciado formulado dentro do *método arqueológico* foucaultiano, o qual é discutido exaustivamente no terceiro capítulo de *A Arqueologia do Saber* (1986). A sua definição se perfaz por oposições a outros conceitos (frase, proposição, speech acts) e pela análise da relação entre enunciado no seu

método? Qual é o seu conceito de enunciado? (FOUCAULT, 2008a, p. 23). Para Foucault, o enunciado (ou a função enunciativa) consiste na unidade elementar do discurso. Em seu aspecto singular, o enunciado é indispensável para que se possa dizer que se há ou não frase, proposição, ato de linguagem. “[...] ele não é, em si mesmo, uma unidade, mas sem uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz que apareçam, com conteúdos concretos no tempo e no espaço”. (FOUCAULT, 2008a, p. 98-99).

Com relação à memória, convém lembrar que, nas lentes de Foucault, qualquer enunciado se apresenta como uma série de formulações divergentes e dispersas, o qual forma, em seu conjunto, o domínio da memória discursiva. (FOUCAULT, 2008a). Na ótica discursiva de Courtine (1994), a abordagem sobre a memória se constitui na articulação entre as questões relativas à linguagem e à história, diferentemente dos enfoques concernentes “la psycholinguistique, les neurosciences ou les sciences cognitives” (COURTINE, 1994, p. 5), pois, enquanto essas últimas se pauta(va)m em aspectos inatos do ser humano e fenômenos estruturais em níveis cognitivos para explicações, Courtine (1994) se insere em uma linha que correlaciona interdiscursivamente uma abordagem sobre a memória.

Nesse direcionamento, posto que o aparecimento e a formação discursiva colocam em questão o acontecimento, sua historicidade e os sentidos que derivam (através da memória), propomo-nos, neste trabalho, a analisar as categorias de *acontecimento discursivo e memória*. Como se trata de um artigo, propomos duas reportagens como recorte que compõe nosso *corpus*. Elegemos, para esse fim, dois enunciados publicados no portal eletrônico *O Globo*, na condição de que esse seja um dos sites de notícias mais acessados do Brasil, fator que justifica nossa escolha para este trabalho. Os enunciados são intitulados: *a) Cerimônia real marcada por quebra de protocolos, e b) 2: Meghan Markle quebra protocolo e faz parte do trajeto ao altar sozinha* a respeito da cerimônia do casamento real do Príncipe Harry e a princesa Meghan.

Nos pilares da Memória e do Acontecimento discursivo

Os fundamentos de nosso arcabouço teórico circunscrevem algumas reflexões sobre a memória discursiva. Este termo não se refere às lembranças que um indivíduo tem do passado. Segundo Courtine (1994), a expressão “memória discursiva” constitui algo distinto de qualquer

anamnese ou memorização psicológica. Tal noção conferencia a “existência histórica do enunciado” no interior de práticas discursivas, as quais são reguladas por aparelhos ideológicos. Nesse sentido, um texto é instaurado em uma formação discursiva (doravante FD), em função de uma memória discursiva que o texto recupera e do qual é integrante.

Sendo assim, a noção de memória, concebida por Courtine (1994), possui estatuto definido com base em elementos inscritos na sociedade. Nessas condições discursivas, poderíamos inferir que o “*domaine de mémoire*” perpassa a dimensão social e coletiva de certa cultura. Faz-se mister ressaltar que Courtine (1994) se pauta em postulados de Maurice Halbwachs ([1925] 1975 *apud* COURTINE, 1994) para discutir sobre o fato de que a linguagem é constituída como um caminho acessível essencial para a análise dos quadros sociais da memória (COURTINE, 1994, p. 5).

Em suas produções, afirma o autor que a memória histórica é evocada na medida em que os enunciados de um discurso se materializam no “interdiscurso”, em que é preciso considerar tanto o sujeito enunciatador enquanto um sujeito simbólico quanto as condições de produção desse discurso. O discurso é construído nas condições contextuais complexas, e está sempre vinculado a um

[...] espaço vertical, estratificado e desnivelado dos discursos [...]; séries de formulações marcando, cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se entre si em formas linguísticas determinadas. (citando-se, repetindo-se, parafraseando-se, opondo-se entre si, transformando-se...) É nesse espaço interdiscursivo, que se poderia denominar, seguindo M. Foucault, *domínio de memória, que se constitui a exterioridade do enunciável* para o sujeito enunciatador na formação dos enunciados ‘pré-construídos’, de que sua enunciação se apropria. (COURTINE, 1999, p. 18. Grifos nossos)

É necessário, portanto, atentar para a exterioridade que constitui o enunciado, esse extra que o atravessa e lhe confere sentidos. Nessa perspectiva, a memória discursiva consiste naquilo que irá restabelecer os implícitos que são necessários à leitura de um texto, como acontecimento. Então, pensando na materialidade enquanto um enunciado em estado líquido, o funcionamento da memória de suas imagens “se fundamenta na volatilidade, na efemeridade,

na descontinuidade e no esquecimento” (COURTINE, 2008, p. 17), o que também evidencia a necessidade de reflexão histórica, uma vez que não há memória sem história.

Ao tentar apreender os efeitos de sentido do enunciado, recorreremos às palavras de Courtine (2006), para conceituar memória discursiva:

A memória que nos interessa aqui é a memória social, coletiva, em sua relação com a linguagem e a história. É nesse sentido que evocamos que a memória coletiva fosse compreendida no seio dos meios sociais nos quais ela se constitui e relaciona família, grupos religiosos, classes sociais, ou analisada nas formas individuais do sonho e da afasia, é sempre a linguagem que está, para Halbwachs, de maneira explícita ou implícita, no coração dos processos de memória. (COURTINE, 2006, p. 2-3)

Nesse vetor analítico, a memória permite a organização dos enunciados, “repetindo-os, transformando-os, deslocando-os, apagando-os e esquecendo-os, inscrevendo-os na história, tendo a linguagem como sua materialidade” (BITTENCOURT/MILANEZ, 2010, p. 27). Ainda de acordo com os autores, podemos afirmar que essas operações fazem-se ainda mais importantes, visto que esta esfera é um lugar de embate, onde forças antagônicas duelam, como em uma arena, por meio de seus discursos, cada um na defesa de sua verdade. Na ótica de Simioni (2016),

A memória cumpre uma importante função de verificação e controle da consistência e da coerência das operações históricas de um sistema. Com base na memória, um sistema social constrói uma história para si mesmo, uma imagem coerente e consistente de si mesmo. A memória permite lembrar, no presente, apenas o que é importante para dar sentido às operações do presente. E permite esquecer todo o restante, todas as contradições, *os non senses*, os paradoxos. A memória, portanto, é lembrança e esquecimento ao mesmo tempo. Ela é um dispositivo de seleção daquilo que merece ser lembrado e daquilo que deve ser esquecido hoje.

Então, os efeitos de sentidos produzidos na emergência e no entrecruzamento desses enunciados só se concretizam na irrupção de um acontecimento discursivo, “no qual o novo não está no fato em si, mas no acontecimento que ele produz” (MILANEZ, 2009, p. 253).

Essa ideia de algo novo no enunciado sublinha a noção de não repetibilidade discursivo, pois a interdiscursividade que daí advém, uma vez marcada historicamente, atribui sentido diferente ao vigente que é produzido. Assim, o enunciado já surgido em outro momento é incorporado no novo e este desestabiliza aquele já surgido em outros tempos, provocando um efeito que o diferencia do anterior.

Pelo vínculo que o enunciado estabelece com a história, considerando as formulações de Foucault (2008a), vale considerar a materialidade repetível nesse processo. No entanto, bem como atesta esse teórico, enquanto o enunciado pode ser repetido, a enunciação, não, pela historicidade que nele habita. Esse atravessamento pela história lhe confere o caráter de acontecimento, como algo singular que não é fruto de uma repetição de algo já produzido, mas de um discurso que resgata o passado para ir ao encontro do presente da enunciação.

Essa consideração foucaultiana corresponde às considerações de Courtine (2006) no que respeita à memória. Embora o primeiro teórico não trabalhar com esse conceito propriamente dito, há certos elementos que se encontram no bojo dessa interdiscursividade. Como por exemplo, a ideia de que todo enunciado é povoado por outros enunciados e a noção de acontecimento discursivo calcado na história (nova história). Trata-se de elementos que entram em consonância com a memória discursiva courtiniana, em que essa relação entre discursos aparece como efeito na enunciação pelo sujeito.

Além dessas relações expostas, entre os autores abordados, vale considerar outro conceito metodológico do filósofo citado, que é o arquivo, que contém em seu interior esse caráter de acontecimento e memória discursiva. O arquivo é entendido como o conjunto de discursos produzidos em determinada época e aponta para as condições de possibilidade para que determinado discurso apareça e não outro em seu lugar. A não repetibilidade que faz com que um discurso já produzido ganhe novo sentido no atual ganha sustento nessas condições de sua emergência, que se ligam à história. Os fenômenos contextuais não são passíveis de serem repetidos, uma vez que a história é dinâmica e em cada momento de produção discursiva, sentidos novos são percebidos. Essas condições justificam, também a constituição do sujeito que não é estático ou acabado, mas sempre em processo, em consonância com a história, com

as relações de saber e de poder que variam com o tempo, produzindo subjetividades diferenciadas.

No que tange à noção de acontecimento em Foucault (2008a), esta possibilita que o enfoque sobre a materialidade do enunciado seja estabelecido tanto pela conservação quanto pela (re)atualização de aspectos dos domínios de memória. Paralelo a isso, o acontecimento também produz um ato interpretativo, verdade(s) construída(s). Conforme postula Navarro-Barbosa (2004), o acontecimento é uma forma de dar rostos às coisas. É nessa perspectiva que o acontecimento histórico do enunciado se transforma em acontecimento discursivo. A cada instante em é comentado, repetido, deslocado, rememorado e apagado, instaura-se um novo acontecimento e, assim, ergue-se o ciclo das verdades, as quais transmutam-se em interpretações.

Análise do casamento real: príncipe Harry e princesa Meghan

A opção por analisar um recorte publicado na rede mundial de computadores (*internet*) se justifica pelo fato de ela se constituir, na atualidade, no veículo de comunicação/informação mais difundido da atualidade, pela facilidade e rapidez em relação a seu acesso. Dessa forma, as notícias que nela circulam recebem a espetacularização dos internautas e como consequência, ainda permite a interação pela troca de comentários. Nesse sentido, notícias de fatos ocorridos mundialmente ganham o público global de forma dinâmica, sobretudo quando se diz respeito a um fenômeno novo, que quebra um discurso tradicional arraigado na sociedade.

Pensando nessa dimensão da velocidade e facilidade virtual e tendo como base epistêmica as asserções anteriormente ditas sobre a memória, e alicerçados na afirmação de que conforme atesta Sargentini (2016) a memória discursiva se materializa na língua e é sustentada por operações linguístico-discursivas. Tais operações se sustentam a partir da repetição, da lembrança e do esquecimento, por exemplo. Assim, propomo-nos a analisar os enunciados que seguem.

Imagem 1: Cerimônia real marcada por quebra de protocolos



Fonte: <https://oglobo.globo.com/mundo/cerimonia-real-marcada-por-quebra-de-protocolos-22698409#ixzz5MgiMklnH>.

Imagem 2: Meghan Markle quebra protocolo e faz parte do trajeto ao altar sozinha



Fonte: <https://oglobo.globo.com/mundo/cerimonia-real-marcada-por-quebra-de-protocolos-22698409#ixzz5MgiMklnH>.

Ambos os enunciados consistem em postagens referentes ao casamento real britânico entre o príncipe Harry, sexto na linha de sucessão ao trono britânico, e a atriz americana Meghan Markle. A cerimônia real da coroa britânica começou às 8h da manhã do sábado, dia 19 de maio, hora do Brasil, em cumprimento dos horários previstos. Às 9h, os noivos adentraram ao passeio de carruagem, e às 9h30 entraram para a recepção oferecida pela rainha Elizabeth II, no Saint George's Hall, no Castelo de Windsor. Porém, o que nos chama atenção para

analisar os enunciados seletos reside nas quebras de protocolo que constituíram o acontecimento, e nas memórias que cada materialidade evoca.

As condições específicas do enunciado-acontecimento (FOUCAULT, 2008a) articula materializações discursivas verbais e não-verbais, o que nos faz perceber, por um lado, a repletibilidade de alguns elementos, como a imagem dos noivos, felizes, em comunhão, assim como suas vestimentas. Em outra dimensão, na especificidade daquele enunciado (FOUCAULT, 2008a), percebemos a presença dos elementos linguísticos que provocam o questionamento dos mecanismos discursivos que embasam a produção de sentidos.

O primeiro enunciado, publicado no portal eletrônico *O globo*, é condensado de tensões entre o tradicional e o novo. Ainda que a materialidade imagética exponha o casal tradicional que se beija, em que a noiva está com o véu, símbolo representativo da Igreja Anglicana, e o noivo também esteja com ultraje de Príncipe, confirmando as vestimentas da realeza britânica, a parte verbal atesta: “Cerimônia real é marcada por quebra de protocolos”. Para compreender que protocolos são esses, é necessário acessar a redação que foi publicada abaixo do enunciado 1, a qual afirma:

Numa cerimônia marcada por quebras do rígido protocolo da realeza britânica, a atriz Meghan Markle entrou na capela de São Jorge, em Windsor, sozinha, sendo recebida pelo príncipe Charles, pai de seu noivo, Harry, filho da falecida princesa Diana. Mas, ao invés de seguir do lado direito do futuro sogro, a noiva entrou do lado esquerdo. Harry tirou o véu do rosto da noiva antes mesmo dos votos, quebrando mais uma regra. Durante os votos, seguindo os passos da tradição deflagrada pela princesa Diana, a atriz decidiu não pronunciar a palavra “obediência”. (fonte: <https://oglobo.globo.com/mundo/cerimonia-real-marcada-por-quebra-de-protocolos-22698409#ixzz5MgiMklnH>)

A quebra de protocolos faz menção, dentre outras atitudes por parte do casal, ao fato de Meghan Markle ter entrado na capela sozinha, em que foi recebida pelo príncipe Charles, seu sogro. Porém, ao invés de seguir do lado direito do futuro sogro, a noiva entrou do lado esquerdo. De igual modo, Meghan não pronunciou a palavra “obediência”, durante os votos cerimoniais. Tais atitudes, ao promoverem quebras no rito tradicional de casamento real na

Inglaterra, evocam memória(s) do patriarcalismo, em que um dos princípios éticos é que a mulher seja submissa ao homem com quem pretende se casar. De igual modo, remetem o leitor a um movimento contemporâneo chamado feminismo, o qual apregoa, dentre outras coisas, o empoderamento feminino, de forma que a mulher possua direitos igualmente aos dos homens, não havendo, portanto, hierarquia entre homem e mulher nos papéis que desempenham, inclusive enquanto casal. As atitudes por parte da princesa Meghan constituem uma forma de transgressão, um ato de resistência contra o poder que é exercido pela realeza.

Esse contraponto discursivo entre o tradicional da posição da mulher na sociedade e o presente, sobretudo em relação ao esposo, transfere o leitor (considerando a espetacularização midiática virtual) para a atualidade social dos papéis entre homem e mulher. Não apenas a comparar o tradicional britânico e a quebra de protocolo pelos noivos, mas a fazer uma análise desse fenômeno de gênero que as reportagens provocam, considerando que o papel feminino de ser submisso ao marido é uma condição quase que universal e historicamente marcado. Portanto, essa simulação de um rompimento histórico pela princesa, pela recusa em se pronunciar “obediência”, ganha sentido no contexto da atualidade.

Ainda de acordo com a matéria publicada no portal de notícias eletrônico *O globo*, também houve rompimento com a prática regular do uso de alianças apenas após o casamento.

Homens da realeza britânica não são obrigados a usar aliança após o casamento, tradição que Harry recusou: ele fez questão de fazer a troca de alianças na hora dos votos. Seu pai, o príncipe Charles, usa aliança, mas seu irmão mais velho, William, não. E contrariando ainda as regras da tradição britânica, em que a realeza evita demonstrar afeto em público, os noivos passaram o tempo todo de mãos dadas durante a cerimônia. (fonte: <https://oglobo.globo.com/mundo/cerimonia-real-marcada-por-quebra-de-protocolos-22698409#ixzz5MgnZr8Be>)

O segundo enunciado, por sua vez, ao passo que traz a imagem do casal feliz, o que se demonstra no sorriso de Meghan, foca na atitude da mulher, ao apresentar, na parte verbal, a frase “Meghan Markle quebra protocolo e faz parte do trajeto ao altar sozinha”. A quebra desse tradicionalismo em que o pai do noivo conduz a noiva até o altar rememora uma série de

segmentos religiosos, desde o século VI a.C, as quais são exploradas e detalhadas nos estudos de Eliade (2013) e Coulanges (2009). Os conjuntos mais remotos utilizavam, inclusive, tal ritual como um processo de purificação, em que a noiva estava adentrando a um novo lar, livrando-se de seus entes e agora se compenetrando (submetendo-se) aos entes do noivo.

Nesse sentido, com relação à memória, Luhmann (2007, p. 457), utilizando o conceito na perspectiva matemática de Spencer-Brown (1979, p. 61), afirma que a esta consiste em “um dispositivo de processamento de distinções históricas”. Memória seria, portanto, um dispositivo que um sistema põe em desenvolvimento para traçar uma diferença entre o que ele era e o que passou a ser, no agora, constituindo uma forma de construção do tempo.

Os elementos linguísticos constituintes do segundo enunciado-acontecimento, inscrito em um cenário de pós-modernidade, intitulado *Meghan Markle quebra protocolo e faz parte do trajeto ao altar sozinha* evoca uma ruptura com a submissão feminina à figura masculina, e ao mesmo tempo nos conduz a quebra de dependência da mulher com relação ao homem, como um instaurar de possibilidades de que a mulher pode caminhar sozinha, atingir novos patamares. É nesse sentido que compreendemos a linguagem “constituída como um caminho acessível essencial para a análise dos quadros sociais da memória” (COURTINE, 1994, p. 5).

O jornal eletrônico espanhol El País, além de trazer, como título da matéria referente ao casamento britânico, que “Príncipe Harry e Meghan Markle modernizam a monarquia britânica com um casamento fora do comum”, destacou que “Em gesto considerado feminista e sem precedentes, caminhou até a metade do corredor da capela sem ser levada por ninguém.” (fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/19/estilo/1526732348_983409.html)

O acontecimento em análise, “re-inscrito na crítica ontológica da atualidade” (CARDOSO, 1995, p. 64), pode ser compreendido como uma “ponta deslocada do presente”, na direcionalidade de uma (des)atualização do presente. Nesse movimento, partir do instante em que se problematiza a atualidade, instaura-se uma abertura do pensamento, o que confere a possibilidade de convocar memórias que perpassam o enunciado. O casamento representa um acontecimento discursivo. Sobre esse aspecto, recorreremos a Navarro-Barbosa, o qual nos esclarece que

As comemorações ilustram um tipo de relação entre o presente e a história, em que o primeiro se configura como uma eterna reciclagem de configurações diversas do passado. Nos momentos de celebração dos acontecimentos históricos de uma nação, por exemplo, a memória recalca a história... (2004, p. 114)

Nesse prisma interpretativo, não haveria uma “busca das origens para desenvolver as potencialidades do devir, porém simples recordação do universo dos signos do passado que sobrevive no presente imutável?”. (DOSSE, 2001, p. 179). Complementa o pesquisador Navarro-Barbosa (2004), ao afirmar que o que se comemora, nessas ocasionalidades, possui como referentes apenas os lugares de memória, os quais, na ótica de Nora (1993), constituem uma fuga para o espírito da continuidade.

Percebemos, então, que esta comemoração do casamento real pode ser averiguada sob dois pontos de vista, um cristalizador do tradicionalismo, e outro como “dialógico e carnavalesco” (DAMATTA, 2000), no sentido de possibilitar reflexões ambíguas e contrastivas. É nessa linha de raciocínio que os atravessamentos discursivos instauram uma série de formulações divergentes e dispersas, a qual forma, em seu conjunto, o domínio da memória discursiva. (FOUCAULT, 2008a).

Na mídia eletrônica, essas duas posições discursivas encontraram lugar e condição para que se materializem de forma linguística e imagética. Em um primeiro instante, foram construídos sentidos sobre o casamento real, a continuidade de uma tradição real centenária. Depois, há uma ruptura nesse saber, e o discurso linguístico passam a assumir a posição do novo, da quebra, da inovação sob a égide de movimentos de ruptura. Ambos os enunciados referentes ao acontecimento histórico do casamento do príncipe Harry e da princesa Meghan representaram marcas de uma prática discursiva que se estende do tradicional à sua negação e problematização. Nesse sentido, se circunscreve em uma “escrita da história não fechada em torno de um centro, mas como espaço de dispersão e de descontinuidade” (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 115).

Considerações finais

Para composição de nosso trabalho, selecionamos como categorias o acontecimento discursivo e a memória, tendo como suporte teórico os pressupostos de Foucault e Courtine em diálogo com os escritos de pesquisadores brasileiros, como Navarro-Barbosa e Milanez, dentre outros. Selecionamos, para esse fim, dois enunciados publicados no portal eletrônico *O Globo*, intitulados: a) *Cerimônia real marcada por quebra de protocolos*, e b) 2: *Meghan Markle quebra protocolo e faz parte do trajeto ao altar sozinho* a respeito da cerimônia do casamento real do Príncipe Harry e a princesa Meghan.

Foi possível perceber, em nosso estudo, que os enunciados efetivamente instaurados em sua dispersão de acontecimento, nesse caso através da mídia eletrônica, foram nomeados, recortados, descritos e articulados a outros domínios discursivos, os quais atribuem seus dizeres e pontos de vista à celebração do casamento real. Através da atualização e dispersão dos enunciados, foi possível perceber como a cerimônia anglicana foi perpassada por forças centralizadoras e ao mesmo tempo transgressoras, as quais incidiram sobre os enunciados.

No que concerne à “quebra de protocolo”, trata-se de um enunciado que aponta para uma ruptura de tradição ligada ao matrimônio britânico, em que uma nova ordem discursiva é instaurada, atribuindo ao discurso um caráter singular, algo fora da normalidade cristalizada socialmente na sociedade inglesa. O termo “quebra” provoca um efeito de ruptura, um discurso que emerge como fora da realidade histórica da realeza britânica. Essa novidade ganha sustento na dispersão do acontecimento por meio da mídia digital, em que a espetacularização ocorre na condição de se tratar de sujeitos mundialmente famosos, cujos espectadores não esperavam algo que não se enquadrasse na “normalidade vigente”. Assim, esse rompimento de uma cerimônia tradicional contribui para a enunciação da reportagem do site, cujas condições de possibilidade a tornam singular.

Além da linguagem verbal, os enunciados lançam mão de fotografias, isto é, linguagem não-verbal, cujo figurino é recheado de sentido, sobretudo pelo terno de príncipe do noivo e o véu branco sobre o rosto da noiva, conferindo legitimidade à coroa inglesa. No discurso verbal, são materializadas atitudes de resistência, ruptura em relação a uma ordem tradicional

(entrada da noiva na capela sozinha, posicionamento do lado esquerdo do sogro, a não pronúncia do termo “obediência”). Essas descontinuidades possibilitaram algo novo, que emerge pela quebra de uma tradição, considerando não apenas o matrimônio britânico em si, mas a posição da mulher na sociedade atual, cujas lutas pelos direitos de igualdade ao homem e uma possível não submissão a seu companheiro, isto é, posições da mulher do século XXI que rompem com a estrutura patriarcal da coroa inglesa. Nesse contexto, dois momentos históricos se contrastam e emerge uma novidade, uma singularidade discursiva. Em meio a essas marcas constantes nos enunciados, sobretudo por se tratar de um evento que foge do comum da realeza britânica, a partir de sua sequência narrada, esses discursos trazem consigo efeitos de memória que, no encontro entre o passado e a atualidade, atribuem aos enunciados um caráter de acontecimento discursivo.

THE MARRIAGE (DIS) ORDER IN THE QUEEN’S LAND: NOTES OF THE DISCURSIVE HAPPENING AND MEMORY IN THE PRINCE HARRY AND PRINCESS MEGHAN’ MARIAGE

ABSTRACT: This paper aims to reflect on speeches circulated in major world media, about the marriage between Prince Harry and Princess Meghan, which took place on 19 may 2018. As for clipping analysis, we selected two statements published on the site the Globe, dealing with said event, in order to discuss, in the midst of the French discourse analysis, such speeches. Thinking about this discursive dimension, as theoretical-methodological support, are in effect linked to the above-mentioned theoretical concepts considering primarily utterance and discursive event formulated by Michel Foucault and memory presenting discursive in Jean-Jacques Courtine, in addition to other approaches linked to mentioned, for the reading of the corpus. For the analysis, considering the theory given that materialized discourses in listed are configured as an event, given the repeatability, not your conditions of possibility that make them natural and whose memory if presented as a fact, by the encounter between the past and the present and, also, the breach of Protocol of British royalty, that sets it apart from other marital ceremonies.

KEYWORDS: Event; Discourse; Utterance; Memory.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Joseane Silva; MILANEZ, Nilton. Política, memória e acontecimento: algumas considerações acerca do enunciado “lula é o cara”. In: MILANEZ, Nilton; BARROS-CAIRO, Cecília; PEREIRA, Túlio Henrique (orgs.). *Entre a memória e o discurso*. Coleção discursividades. São Carlos: Claraluz, 2010.

CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. Foucault e a noção de acontecimento. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, v. 7n. 1-2, p. 53-66, out. 1995.

COULANGES, Fustel de. *La Cité Antique – Étude sur Le Culte, Le Droit, Les institutions de la Grèce et de Rome – A Cidade Antiga*. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: EDAMERIS, 2006.

Casamento Real é marcado por quebras de tradições. *Revista Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/casamento-real-de-principe-harry-e-marcado-por-quebras-de-tradicoes/> Acesso em 30 julh. 2018.

COURTINE, J.-J. *Déchiffrer le corps: penser avec Foucault*. Grenoble: Jérôme Millon, 2011.

_____. Le tissu de la mémoire: quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage. *Langages. Mémoire, histoire, langage*, n. 114, p. 5-12, 1994.

_____. Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURKY, Freda. (org.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato. 1999.

_____. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. Trad. Carlos Piovezani. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (orgs.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 11- 19.

DOSSE, F. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. Trad. Ivone C. Beneditti. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano – a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

EQUIPE HUFFPOST. Casamento Real: Meghan Markle quebra protocolo e faz parte do trajeto ao altar sozinha. *Huffpost Brasil*. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/05/19/a-entrada-de-meghan-markle-e-do-principe-charles-no-casamento-real_a_23438242/> Acesso em 30 de julh. 2018.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. As palavras e as imagens. In: _____. *Ditos e escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização e seleção dos textos: Manoel Barros da Mota. Trad. bras. Elisa Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2008b, p. 78-81.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GONÇALVES, Marina. Cerimônia real é marcada por quebra de protocolos. *O Globo*. Pesquisa em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/cerimonia-real-marcada-por-quebra-de-protocolos-22698409#ixzz5Mkr8v7RL/>> Acesso em: 30 de julh. 2018.

LUHMANN, N. *La sociedad de la sociedad*. Trad. Javier Torres Nafarrate. Ciudad del México: Herder/Universidad Iberoamericana. 2007.

MILANEZ, Nilton. A possessão da subjetividade: sujeito, corpo e imagem. In: SANTOS, João Bosco Cabral dos. (Org.). *Sujeito e subjetividade: discursividades contemporâneas*. Uberlândia: Ed. da UFU, 2009, p. 251-259.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luís. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro. (Orgs.). *Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 97-130.

NORA, P. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1993.

Príncipe Harry e Meghan Markle modernizam a monarquia britânica com um casamento fora do comum. Jornal espanhol eletrônico *El País*. Disponível em: <https://brasil.el-pais.com/brasil/2018/05/19/estilo/1526732348_983409.html/> Acesso em: 30 julh. 2018.

SARGENTINI, V. M. O. A memória discursiva do tema trabalho. *Revista do GELNE*, v. 2, n. 1/2, p. 1-3, 2016.

SIMIONI, Rafael Lazzarotto. Arquivo, história e memória: possibilidades de diálogo entre Luhmann e Foucault. *Lua Nova*, v. 97, p. 173-190, 2016.

Recebido em: 24/05/2019.

Aprovado em: 25/07/2019.